

LITERATURA: POÉTICA E HUMANIZAÇÃO

Cristina Prates (UVA)

prates_literatura@hotmail.com

RESUMO

Encenada numa linguagem especial, cujo saber tem o sabor do sal das palavras, a escritura literária contempla uma espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia inerente a todos os seres humanos, como indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, este trabalho se propõe a defender a necessidade do texto literário, levando em consideração a sua função estética, psicológica e social, propondo que se pense a literatura não apenas como um conjunto de obras de uma determinada época, ou estilo, mas sim como uma poética da humanização, ou seja, o palco no qual se dramatizam as relações entre o indivíduo e a sociedade, as tensões entre os códigos linguísticos, o diálogo entre o passado e o presente, entre o escritor e o seu público-leitor, entre os diversos saberes e sabores, um exercício de reflexão, de ordenação do caos, do aprimoramento das emoções. É a partir dessa poética da humanização que acreditamos poder apresentar ao nosso leitor/aluno do nível médio e universitário as obras líricas, ficcionais ou dramáticas da literatura brasileira, em seu diálogo permanente com outras literaturas, com outras artes, com a sociedade e a cultura, destacando, em cada escritura, não só a força da palavra literária, mas também a poética do nacionalismo que percorre a trajetória da literatura nacional.

Palavras-chave:

Escritura literária. Literatura brasileira. Humanização. Poética do nacionalismo.

No seu livro *Aula*, o semiólogo francês Roland Barthes afirma que, se todas as disciplinas tivessem que ser expulsas do ensino, a única que deveria ser salva seria a disciplina literária, pelo fato de todas as ciências estarem presentes no “monumento literário”. Para comprovar como a literatura assume muitos saberes, Roland Barthes cita o romance *Robson Crusoe*, de Daniel Defoe, no qual encontraremos um saber histórico, geográfico, social, técnico, botânico, antropológico. (BARTHES, [s/d.], p. 18)

Entretanto, diferente do saber científico, a literatura não se arroga o direito de saber alguma coisa, mas sim sugere que sabe de alguma coisa, ou melhor, que sabe algo das coisas e que sabe muito dos homens. (BARTHES, [s/d.], p. 19)

Encenada numa linguagem especial, cujo saber tem o sabor do sal das palavras, “a escritura literária faz do saber uma festa”, (BARTHES, [s/d.], p. 35), cuja produção e fruição se fundamentam numa espécie de

1 necessidade universal de ficção e de fantasia inerentes a todos os seres
2 humanos, como indivíduos e grupos sociais, tese defendida por Antonio
3 Candido, no seu ensaio "A literatura e a formação do homem" (CANDI-
4 DO, 2002, p. 80), quando compreende ser esse o papel da literatura, em
5 relação à importante função psicológica que exerce sobre o leitor.

6 Alimentando essa ficção e fantasia, surgem as formas mais sim-
7 ples e espontâneas presentes no nosso cotidiano, como a anedota, a adi-
8 vinha, o trocadilho, os provérbios, os cantos folclóricos, as lendas, os mi-
9 tos, culminando nas formas impressas do poema, do conto e do romance,
10 até chegarmos aos meios de comunicação de massa com o cinema, as te-
11 lenovelas, os quadrinhos, e mesmo a publicidade, apoiada, não raras ve-
12 zes, na linguagem literária, nos elementos da ficção e da poesia.

13 A criação poética e ficcional, enquanto ponte entre a realidade e a
14 imaginação, torna-se, nesse sentido, elemento necessário para a humani-
15 zação e, tão importante quanto o sonho se faz para o equilíbrio psíquico,
16 a literatura, "ao dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, (ela) nos
17 organiza, nos liberta do caos, e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição
18 da literatura é mutilar a nossa humanidade". (CANDIDO, 2002, p. 186)

19 Além da função psicológica da literatura, cumpre ressaltar o seu
20 papel social, quando se faz instrumento de denúncia, focalizando as in-
21 justiças, desmascarando o preconceito, dando voz aos marginalizados,
22 acusando a arrogância do poder. O escritor, nesse caso, deseja expressar
23 uma visão ética e política, no intuito de despertar a consciência crítica do
24 leitor em relação aos direitos humanos.

25 Tal posicionamento crítico, que perpassa o projeto da literatura
26 brasileira, apresenta, na atualidade, uma vertente que merece destaque
27 Trata-se da importância que vem adquirindo a produção literária afro-
28 brasileira, que, contrapondo-se ao mito de uma identidade una e coesa,
29 como ressalta o pesquisador Eduardo de Assis Duarte, no seu ensaio "Li-
30 teratura e afrodescendência" (DUARTE, 2005, p.113), denuncia o pre-
31 preconceito racial e as injustiças sociais, projetando, através de uma enunci-
32 ação identitária, o protagonismo das personagens negras, o que edifica
33 um espaço de reconhecimento de sua experiência existencial, ao dar voz
34 àqueles que se encontram às margens da sociedade, como se pode com-
35 provar através da obra de uma Conceição Evaristo, por exemplo.

36 Cumpre ressaltar, entretanto, que não se pode exigir da literatura
37 um papel pedagógico e moralista, pautado em noções edificantes, pois,
38 como recriação da própria vida, ela traz, em suas entranhas, todas as am-

1 bivalências e complexidade da existência, confirma e nega, apoia e com-
2 bate, encenando, dialeticamente, as tensões sociais, as emoções e as ideo-
3 logias.

4 Por outro lado, como objeto construído, o texto literário desenvol-
5 ve-se a partir de uma estrutura que obedece a um modelo de coerência
6 gerado pela força da palavra organizada, exercendo, nesse sentido, um
7 importante papel humanizador, na medida em que possibilita a ordenação
8 da mente e dos sentimentos do leitor, e, mesmo inconscientemente, a lei-
9 tura torna-se, assim, um meio de superar o caos, criando uma proposta de
10 sentido, como defende Antonio Candido no seu texto “O direito à litera-
11 tura”, do seu livro *Vários Escritos*. (CANDIDO, 2011, p. 179)

12 Dessa forma, é possível se pensar a literatura não apenas como
13 um conjunto de obras de uma determinada época, ou estilo, mas sim co-
14 mo uma poética da humanização, ou seja, o palco no qual se dramatizam
15 as relações entre o indivíduo e a sociedade, as tensões entre os códigos
16 linguísticos, o diálogo entre o passado e o presente, entre o escritor e o
17 seu público-leitor, entre os diversos saberes ou sabores, um exercício de
18 reflexão, de ordenação do caos, do aprimoramento das emoções, “desen-
19 volvendo em nós, a quota de humanidade, na medida em que nos torna
20 mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhan-
21 te”. (CANDIDO, 2011, p. 182)

22 É a partir dessa poética da humanização que acreditamos poder
23 apresentar ao nosso leitor/aluno do nível médio e universitário as obras
24 líricas, ficcionais ou dramáticas da literatura brasileira, em seu diálogo
25 permanente com outras literaturas, com outras artes, com a sociedade e a
26 cultura nacional, destacando em cada escritura, a força da palavra literá-
27 ria, seu poder de se insinuar nas emoções do leitor, tornando-o cúmplice
28 desse universo que o impressiona pelo impacto resultante da fusão entre
29 a mensagem e a forma como foi ordenada.

30 A presença da disciplina nos currículos escolares reflete sua im-
31 portância para a sociedade que reconhece na literatura um instrumento
32 intelectual e afetivo, capaz de representar a sua realidade social e huma-
33 na, já que as manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas expressam e
34 fortalecem suas crenças, sentimentos, normas.

35 Nesse sentido, a literatura se torna um elemento essencial à for-
36 mação do indivíduo, um direito ao seu aprimoramento como pessoa e ci-
37 dadão, motivo pelo qual cumpre se exigir dos governos políticas públicas
38 para a publicação de livros ao alcance de todos, assim como de bibliote-

1 cas, concertos, exposições de arte, que facultem o acesso de toda a popu-
2 lação aos bens culturais, forma de inclusão necessária para contemplar os
3 direitos humanos em vista de uma sociedade mais justa e igualitária.

4 No caso do Brasil, assim como de outros países colonizados, a li-
5 teratura exerce um papel fundamental na busca da construção da nossa
6 identidade, através da representação de temas e da fixação de uma lin-
7 guagem própria, representando, pelo imaginário poético, os anseios de
8 autonomia, a resistência à opressão do colonialismo, o grito contra a ini-
9 quidade do sistema escravocrata e contra o descaso com população indí-
10 gena e com as classes menos favorecidas.

11 Já na Carta de Caminha a D. Manuel, que seria nossa certidão de
12 batismo, prenunciam-se os muitos séculos da exploração da metrópole, e,
13 para além das descrições deslumbradas, das visões do paraíso, da percep-
14 ção ingênua com a qual descreveu nossos índios, sobressai-se, na verda-
15 de, “a transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário
16 de uma cristandade ainda medieval” (BOSI, 1975, p. 17), como podemos
17 conferir nessa “conclusão edificante” do missivista de Cabral:

18 De ponta a ponta é toda praia...muito chã é muito fremosa. (...) Nela até
19 agora não pudemos saber que haja ouro nem prata... porém a terra em si é de
20 muitos bons ares assim frios e temperados como os de Entre-Doiro-e-Minho.
21 Águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a
22 aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem, porém, o melhor
23 fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente e esta deve
24 ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar.

25 Explorar a terra, catequizar os nativos – eis o Brasil-colônia, o
26 “outro” em relação à metrópole: “a terra a ser ocupada, o pau-brasil a ser
27 explorado, o ouro a ser extraído; numa palavra, a matéria prima a ser car-
28 reada para o mercado externo”. (BOSI, 1975, p. 13)

29 No século XX, os modernistas, numa revisão crítica de nossa his-
30 tória, irão negar essa falsa certidão de nascimento: agora é o olhar do co-
31 lonizado que satiriza o poder do colonizador e proclama a verdadeira al-
32 ma brasileira, antropófaga como queria Oswald de Andrade ou macuna-
33 ímica, como sonhava Mário de Andrade.

34 Vale a pena, nesse sentido, revermos alguns tópicos do Manifesto
35 oswaldiano (OSWALD, 1981, p. 226-232)

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.
--

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de sen- nador do Império. (...) Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sen-
--

timentos.

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

1 Observando o diálogo entre a Carta de Caminha e o Manifesto
2 Antropófago de Oswald de Andrade, podemos observar que, como poéti-
3 ca do nacionalismo, o projeto da literatura brasileira se assenta no binô-
4 mio ruptura/integração: como não tivemos uma literatura nativa, foi a
5 partir da literatura transplantada que construímos a nossa. Nesse sentido,
6 a brasilidade deve ser caracterizada em sua dupla condição:

7 de um lado, a rejeição da tradição transplantada; de outro, a busca de uma lin-
8 guagem e duma realidade literárias brasileiras, que identifiquem a nossa litera-
9 tura como expressão da nacionalidade e da cultura de um povo, distinguindo-a
10 de toda e qualquer literatura. (SILVA, 2002, p. 16)

11 Para isso, o escritor brasileiro encontrou, na língua falada, a lin-
12 guagem através da qual poderia expressar a realidade nacional, e, afas-
13 tando-se das influências do português lusitano foi, aos poucos, implan-
14 tando a poética da oralidade, ou seja, a estilização da fala brasileira, o
15 que se concretizou com o nosso Romantismo.

16 Em José de Alencar, por exemplo, constamos a luta do escritor
17 para realizar tal processo, insurgindo-se contra a gramática tradicional e
18 sua fúria lusitana, como nesse desabafo que faz numa carta dirigida ao
19 amigo Dr. Jaguaribe, na qual explica como, em sua terra, o Ceará, a mãe,
20 que acalenta o filho no colo, demonstra toda sua ternura ao dizer: “Está
21 dormindinho”. O autor imagina o que “os críticos de orelha” comentari-
22 am a respeito desse diminutivo verbal: “Este sujeito não sabe gramática”.
23 (ALENCAR, 1960, p. 965-966)

24 Ao valorizar as marcas da oralidade, José de Alencar implanta e
25 implementa, através da transgressão à norma culta, a inserção da fala do
26 povo, aquela com a qual ele traduz usos e sentimentos, ideais e pensa-
27 mentos, manifestando, de forma autêntica, sua alma brasileira, como ar-
28 gumenta o autor ao definir a função do escritor nacional, como aquele
29 que deve “abrasileirar” o seu instrumento de trabalho: “Não é somente no
30 vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce
31 o seu inauferível direito de imprimir o cunho de sua individualidade,
32 abrasileirando o instrumento das ideias”. (*Idem, ibidem*)

33 Associando-se à construção da independência do país, a literatura
34 brasileira tornou-se forte aliada do processo de elaboração do nosso “ins-

1 tinto de nacionalidade”, acolhendo, no jogo criativo da linguagem, as
2 múltiplas faces dos “Brasis”, que nos chegam, não na forma oficial da
3 historiografia, mas na palavra ritmada e criativa, que recria hábitos e cos-
4 tumes, rememora laços familiares e amorosos, numa cartografia afetiva
5 do campo e da cidade, humanizando, pela palavra poética, espaços físi-
6 cos e estados de espírito, que ampliam e aprofundam a sensibilidade do
7 leitor.

8 Nesse sentido, o Modernismo, certamente, representou um mo-
9 mento exponencial de aproximação entre os escritores e a multifacetada
10 realidade nacional, no sentido de, ao dessacralizar todas as formas de
11 eruditismo, acolher o abasileiramento temático, o gosto pelo popular e
12 pelo cotidiano, numa poética da espontaneidade, mais próxima dos sen-
13 timentos mais íntimos de todos nós, como tão bem o faz o poeta Manuel
14 Bandeira nessas recordações da infância presentificadas no poema “Evo-
15 cação do Recife” (BANDEIRA, 1961, p. 77-81), do qual apresentamos
16 os últimos versos.

17

18 Novenas
19 Cavalhadas
20 E eu me deitei no colo da menina e ela começou passar a mão
21 [nos meus cabelos
22
23 Capiberibe
– Capibaribe
24 Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas
25 Com o xale vistoso de pano da Costa
26 E o vendedor de roletes de cana
27 O de amendoim
28 que se chamava midubim e não era torrado era cozido
29 Me lembro
30 de todos os pregões:
31 Ovos frescos e baratos
32 Dez ovos por uma pataca
33 Foi há muito tempo...
34 A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
35 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
36 Língua certa do povo
37 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
38 Ao passo que nós
39 O que fazemos
40 É macaquear
41 A sintaxe lusíada
42 A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
43 Terras que não sabia onde ficavam

44

1 Recife...
2 Rua da União...
3 A casa de meu avô...
4 Nunca pensei que ela acabasse!
5 Tudo lá parecia impregnado de eternidade

6 Recife...
7 Meu avô morto.
8 Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu
9 [avô.

10 (BANDEIRA, 1961, p. 79-81)

11 Ao rever sua infância, o poeta sugere que o leitor também experi-
12 mente sensações do seu passado, que (re)veja o menino antigo e sua
13 história na qual se entrecruzam o grupo familiar, os grupos sociais, as her-
14 ranças e tradições que lhe explicam a maneira de ser. A instância poética
15 recupera não um passado cronológico, mas um passado presente cujas
16 dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do incon-
17 siente, “o tempo forte (social e individual) que já se adensou o bastante
18 para ser evocado pela memória da linguagem”. (BOSI, 1983, p. 112)

19 “Foi há muito tempo...”; “Recife...”; “Rua da União...”; “A casa
20 do meu avô...”: o emprego de reticências sugere, no ritmo da suspensão,
21 a descontinuidade que marca projetos, ideais, sonhos e a própria vida, e
22 sua recorrência intencional no poema, assim como a repetição desses es-
23 paços afetivos, tornam-se elementos formais que organizam esse conteú-
24 do, trazendo ao leitor a possibilidade de experimentar a sensação da sau-
25 dade e da frustração, sentimentos e emoções que também o acompanham
26 em determinados momentos de sua vida: “Foi há muito tempo”; “Reci-
27 fe...”; “Rua da União...”; “A casa do meu avô...” transformam-se em
28 imagens no nosso inconsciente, carregando, na sua enunciação, as nove-
29 nas e cavalhadas, o som dos pregões, a visão da preta das bananas, o gos-
30 to do amendoim e do açúcar da cana, e a sensação da ternura das mãos da
31 menina nos seus (nosso) cabelos.

32 A cadência dos versos, o poder sugestivo das imagens, a explora-
33 ção das sensações, os trocadilhos que impõem o gosto pela oralidade do
34 “midubim” e do “Capibaribe” apontam a positividade da intercessão en-
35 tre a forma e o conteúdo, isomorfia que garante a materialidade do texto
36 poético e que assegura sua permanência na nossa memória, enriquecendo
37 e ampliando nossas experiências existenciais, exercendo, assim, sua fun-
38 ção humanizadora no indivíduo e no grupo social.

1 É nesse sentido que não duvidamos do fato de ser a literatura uma
2 necessidade universal e que o acesso ao texto literário deva ser um direi-
3 to de todos e não o privilégio de pequenos grupos, ideia veemente defen-
4 dida por Antonio Candido, em várias palestras e ensaios que realizou du-
5 rante toda sua vida e que, acreditamos, possam nos servir como diretrizes
6 necessárias ao combate da desigualdade, se compreendermos, sobretudo,
7 o pressuposto básico sobre o qual se assentam os direitos humanos: “ re-
8 conhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também
9 indispensável para o próximo”. (CANDIDO, 2011, p. 174)

10

11

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

12

ALENCAR, José. O nosso cancionero. In: _____. *Obra Completa*, vol. 4. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

13

14

ASSIS, Eduardo de. Literatura e afrodescendência. In: _____. *Literatura, política e identidades*. Ensaios. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2011, p. 113-161.

15

16

17

ANDRADE, Ooswald de. O Manifesto antropofágico. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 226-232.

18

19

20

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1961.

21

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, [s/d.].

22

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.

23

CANDIDO, Antonio. A literatura e formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

24

25

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

26

27

CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear, de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas. 1999.

28

29

30